

# A IMPORTÂNCIA DA EMPATIA NAS RELAÇÕES HUMANAS ENTRE PROFESSORES E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EM DUAS ESCOLAS DA CIDADE DE CAMETÁ<sup>1</sup>.

FURTADO, Maria Silvanilda Oliveira<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho intitulado “**A importância da empatia nas relações humanas entre professores e coordenação pedagógica em duas escolas da cidade de Cametá**”, tendo como objetivo geral compreender através do conceito de empatia de Carl Rogers como se dão as relações humanas entre professores e coordenadores pedagógicos da rede municipal de ensino, tendo em vista que entendemos a escola como um universo altamente complexo, um espaço de encontros onde circulam afinidades, princípios e vinculam ideias e culturas. Foram feitas leituras de literatura que proporcionou os aportes teóricos, como Almeida (2010), Minicucci (2001), Libanêo (2013), Rogers (1977) entre outros. A compreensão de empatia, é muito mais do que comumente costumamos pensar, ela engloba na sua totalidade o desenvolvimento de outros sentimentos, valores e habilidades que ao desenvolvê-los, proporcionam laços afetivos mais saudáveis e duradouros à boa convivência com a diversidade de ideias e ajuda a lidar com os conflitos por meio da escuta e da oportunidade de fala. Identificou-se elementos do conceito de empatia de Carl Roger presentes nas relações entre as personagens, bem como a identificação e análise de mecanismos, que contribuem fortalecendo tais relações.

**Palavras-chave:** Empatia. Relações humanas. Profesoress. Coordenação pedagógica.

## 1 INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado da pesquisa para dissertação de mestrado intitulada: “**A IMPORTÂNCIA DA EMPATIA NAS RELAÇÕES HUMANAS ENTRE PROFESSORES E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EM DUAS ESCOLAS DA CIDADE DE CAMETÁ**” de minha autoria, apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Faculdade de Ciências Sociais Interamericana.

<sup>2</sup> Professora da rede municipal de ensino de Cametá-Pa. Especialista em Educação Especial e Inclusiva. Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais.

O referido artigo parte da compreensão da teoria de empatia de Carl Rogers, como fator preponderante no fortalecimento de boas relações entre a coordenação pedagógica e professores que, embora sejam agentes pedagógicos, desempenham funções distintas. E, para a realização deste artigo recorreremos, inicialmente, a nossa própria vivência como profissional da educação, sempre movida pela vontade de compreender o referido problema e contribuir para uma educação como um todo. Diante desse contexto, e artigo é parte integrante da pesquisa de campo, realizada em duas escolas da rede municipal de ensino da cidade de Cametá-Pará, sendo proposto o estudo das relações humanas entre, coordenadores pedagógicos e professores e tendo como referência a teoria de Empatia de Carl Rogers, a qual visa compreender o outro, partindo da ideia de aceitação, valorização e amistosidade.

Segundo Almeida (2010, p. 63), quando se trata de relações “é importante prestar atenção no outro, em seus saberes, dificuldades” sabendo reconhecer e conhecer essas necessidades propiciando subsídios necessários à atuação. Dessa forma, a reflexão entre professor e coordenador, a medida que se estreita, ambos crescem juntos, no sentido teórico prático, (práxis), constroem confiança e respeito mútuo, pois, a reciprocidade é essencial na escola.

As relações humanas podem ser descritas como a arte da interação. Arte essa, que ocorre quando duas ou mais pessoas encontram-se podendo resultar em um convívio harmonioso ou com atritos. Porém, não há dúvidas de que estes conjuntos de interações permitem que as pessoas convivam de forma cordial e amistosa ao buscar-se ser aceito por todos os integrantes da sociedade, tendo respeito pelos direitos individuais.

Similarmente, autores como Placco, Almeida e Souza (2008) têm evidenciado a compreensão de aspectos que são essenciais para a formação da identidade profissional do coordenador pedagógico diante da estrutura organizacional escolar. Eles destacam também a importância desse profissional na escola, em virtude de que o coordenador é a representação frente ao grupo docente, é ele quem articula com as famílias dos estudantes, além de possuir atribuições nos diversos espaços de aprendizagens. Nesta perspectiva, os estudos de Almeida (2010), confirmam que o coordenador

pedagógico é um profissional de grande relevância para assegurar, nas instituições de ensino, a integração e articulação do trabalho pedagógico. Entretanto, suas atribuições não se restringem apenas na condução de tarefas, mas como um mediador das relações construídas no espaço escolar.

Todavia, é necessário pontuar que as relações dos profissionais foram aqui tratadas por teóricos que abordam a temática, além de considerar as vivências dos profissionais atuantes nas instituições de ensino no bairro da Matinha, local de campo escolhido para a realização da pesquisa. Dessa forma, buscamos também estimular a iniciativa de novos estudos e pesquisas a cerca da temática, sendo este, um embrião crescente das reflexões das relações entre os referidos sujeitos, bem como, contribuir no fortalecimento de laços amistosos no contexto escolar. Partindo destas análises, o objetivo geral da pesquisa desenhou-se em analisar através do conceito de empatia de Carl Rogers, como se dão as relações humanas entre professores e coordenadores pedagógicos da rede municipal de ensino, visto que a escola é um lugar complexo, onde se formam opiniões e mudam-se atitudes com ideias, onde circulam afinidades, princípios, ideias e culturas. Em torno desse espaço, também concentram-se pessoas, frequentemente muito diferentes, que desempenham funções variadas, com atribuições, expectativas e demandas diversas.

O artigo está organizado em três momentos sendo que o primeiro discorre sobre a empatia de Carl Rogers; o segundo vem falar sobre a empatia e as relações humanas, o terceiro, destaca a importância das relações humanas e o papel do coordenador pedagógico na escola e o último a empatia na relação coordenador pedagógico e professor, abordando os possíveis mecanismos que contribuem para o fortalecimento das relações humanas no contexto escolar, através de uma reflexão teórico/prática e, as considerações finais.

## **2 A EMPATIA EM CARL ROGERS.**

O conceito de empatia tem sua origem na psicologia de Carl Rogers, e foi trabalhada anteriormente para amenizar ou tratar problemas psicológicos e psicóticos através de terapia. Esse conceito começa a ser delineado por Rogers (1951) como sendo uma compreensão por parte do terapeuta, mais

especificamente, dos sentimentos apresentados por ele, objetivando contribuir para a melhora do paciente através da consciência de seus comportamentos diante de situações antes por ele identificados. Nessa perspectiva podemos perceber que a definição embrionária de empatia visa explicar o conceito de tratamento interpretativo onde o indivíduo compreende de forma plena suas reações e seus comportamentos.

Na obra 'Terapia centrada no cliente', publicada em 1951, Carl Rogers pondera que o conceito propriamente dito de empatia surge na fase reflexiva, isto é, condiz com a fase onde a terapia se centra no cliente como forma de promover o seu desenvolvimento através de uma atmosfera sem ameaças, numa condição que facilita a abertura do cliente e a escuta do terapeuta, ou seja, num clima de reciprocidade. Nela, o autor define que, para que possa existir empatia, faz-se necessário que o terapeuta esteja atento ao outro, que Rogers (1951) define como cliente. Caso contrário, não será possível compreender os sentimentos do mesmo e nem tão pouco acontecer o que o autor chama de comunicação plena.

Dessa forma, perceber de maneira empática é perceber o mundo subjetivo do outro como se fôssemos a mesma pessoa, sem jamais perder de vista que se trata de uma situação análoga. Todavia, a capacidade empática implica, por exemplo, em sentir a dor ou o prazer do outro como ele os sente, que se perceba sua causa como ele o percebe. Isto é, sem se esquecer de si mesmo, sem jamais deixar de compreender que este está relacionado às experiências e percepções de outras pessoas, sem deixar de estar ausente, ou deixar de atuar, pois do contrário, não se tratará mais de empatia, mas de identificação.

Diante do exposto, vale ressaltar que o conceito de empatia evoluiu de um estado, para um processo. Sendo mais que apenas um conceito, mas uma atitude fundamental, uma capacidade profunda, verdadeira e sem julgamentos. Entretanto, para isso, necessita de todo um ambiente de acolhimento e de facilitação onde o indivíduo se sinta compreendido e caminhe em prol do crescimento e do amadurecimento de sua personalidade.

Sendo assim, empatia significa a capacidade psicológica para sentir o que sentiria uma outra pessoa, como se você estivesse na mesma situação vivenciada por ela. Consiste em tentar compreender sentimentos e emoções,

procurando experimentar de forma objetiva e racional “o que sente” o outro indivíduo, através da manifestação de um vínculo de comunicação ou de consideração positiva incondicional. Isso significa ter sensibilidade constante para com as mudanças que se verificam no outro, e estas tais mudanças possam demonstrar os sentimentos que ele esteja vivenciando.

De acordo com a contextualização histórica pensou-se a empatia como a capacidade exclusivamente humana, apenas ligado à psicologia e que fora utilizada, como um processo psicológico. Contudo, Fontgalland e Moreira (2012) afirmam que esse conceito passou a fazer parte de outras áreas do conhecimento científico como, as ciências sociais, que mesmo de forma tardia e lenta tornou-se fonte de interesse em vários campos de conhecimento, embora, o campo psicológico concentre em maior parte esses estudos. Ademais, Moreira (2010) explica que o conceito de empatia também tem sido retomado por várias vertentes teóricas, assim, ela pode ser estudada nas diversas áreas, inclusive na área da educação, onde se concentra o eixo central desta pesquisa.

É notório compreender que conviver bem com outro em meio a tanta diversidade nos torna mais empáticos e mais tolerantes, pois o uso do nosso eu empático pode estar intrinsecamente ligado a resolução de questões do nosso dia a dia. Ao tentarmos nos colocar no lugar do outro no ambiente de trabalho, temos muito a ganhar, expandindo nossa capacidade de compreender os problemas que nos rodeiam. Esse exercício nos proporciona experimentar outras visões que são diferentes da nossa e nos permite observar aspectos antes por nós ignorados, pois ao enxergamos os outros e tudo a nossa volta, passamos a valorizar as nossas próprias experiências e progressos. Essas mesmas experiências nos mudam ao longo do tempo desenvolvendo-nos, mesmo que inconscientemente, o poder da empatia.

Almeida (2012) resgata contextos rogerianos em que o autor destaca as boas relações a partir de três elementos: empatia, consideração e autenticidade. Sobre estes elementos, Almeida argumenta:

Mas a empatia, colocar-se no lugar do outro, é também recurso fundamental para levar ao crescimento. Ser capaz de tomar o lugar de referência do outro sem, no entanto, esquecer que é do outro, é condição imprescindível em uma relação promotora de conhecimento. Por outro lado, o esforço para a autenticidade e a empatia não será

concretizado se não tiver consideração pelo outro, se não prezar como a pessoa é. (ALMEIDA, 2012, p. 76).

Contudo, é importante salientar que a condição empática se institui numa ação de acolhimento de pertença e de compreender o seu semelhante como diferente, mas próximo de cada um de nós. Desse modo, compreendemos a empatia como se o mundo do outro, fosse o nosso próprio mundo. Mas, para que se tenha essa compreensão faz-se necessário que estejamos atentos para a presença de sentimentos como o egoísmo, a ganância e a autossuficiência emocional, que é o oposto da empatia, esta por sua vez, ocasiona a falta de compreensão, de diálogo e, principalmente, permitindo que se estabeleça o sentimento de superioridade. Desta forma, o conceito aqui apresentado procura referenciar atitudes de cooperação, aceitação e principalmente, colocar-se no lugar do outro. Precisamos reconhecer a empatia como uma força capaz de promover mudanças nos mais diversos meios onde atuamos, fazendo esse exercício diariamente em nosso ambiente de trabalho, melhorando com isso as nossas relações humanas. Esse esforço consciente para se colocar no lugar do outro, inclusive com pessoas que não temos afinidade, contribui para anular rótulos e reconhecer as individualidades e perspectivas, isto se torna um desafio principalmente, para as pessoas que se esforçam para tornarem-se líderes.

Portanto, ser empático é sem dúvida, viver na arte de se colocar no lugar do outro por meio da imaginação, compreender seus sentimentos e perspectivas, usando essa compreensão para guiar as próprias ações. Segundo Josh Danne (2005 p. 38), “nenhum indivíduo é uma ilha, mas cada um é um pedaço do continente, uma parte do todo”. Assim, para além das relações pessoais, existe a crença de que a empatia é um tipo de habilidade desenvolvida no âmbito profissional com o objetivo de espalhar respeito, unidade, diversidade e contribuir para desenvolver relações humanas mais harmônicas.

### **3 A EMPATIA E AS RELAÇÕES HUMANAS.**

No dicionário<sup>3</sup> uma das definições diz que empatia é a capacidade de se identificar com outra pessoa, de sentir o que ele sente ou querer o que ele quer. No entanto, ser empático envolve saberes diversos e mais profundo. Com a empatia a sensação é de ser aquela pessoa e por isso compreender escolhas, alegrias, medos entre outros sentimentos, é acreditar que faria por alguém o que gostaria que por você fizessem também. Mas, contudo, como abandonar as próprias emoções, crenças ou expectativas para viver a empatia na sua totalidade? Para caminhar por essa estrada de aprendizado, é necessário entender que ninguém é perfeito. Segundo a especialista em autoconhecimento e inteligência comportamental, Heloisa Capelo, não é possível chegar ao amor sem empatia, para isso, a empatia é uma capacidade importante e necessária para fazer o bem e estar bem consigo mesmo.

De acordo com Batista (2008, p. 1),

O homem, sem dúvida alguma, é um ser eminentemente social, isto é, tem inerente em si a perpétua tendência de agrupar-se e unir-se a seus semelhantes, não só para lograr e atender aos fins que busca o desejo, mas também para satisfazer as suas vontades materiais e de cultura.

Isso significa dizer que uma das principais características do ser humano é a sociabilidade, pois o homem vem se constituindo como tal pelo convívio com o outro. É por intermédio do convívio social que ele começa a constituir seus princípios e valores éticos e morais que norteiam todos os seus atos em sociedade. E esta convivência social do ser humano, permeia por todas as fases de sua vida, do nascimento até a sua morte, porém, isso só se torna possível através da interação constante entre seus semelhantes.

Diante do exposto, o homem é um ser complexo, pois a sua natureza humana o obriga a se relacionar com os outros humanos, interagindo com todos os elementos culturais e seu próprio grupo social. Assim, a convivência em sociedade se torna uma necessidade física, psicológica e biológica de sobrevivência no mundo, pois não é possível o homem viver isolado por muito tempo. Segundo Carmo (2005, p. 3) “nós necessitamos do outro para

---

<sup>3</sup> Dício- dicionário online de português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br>>. Acesso: 30 de mai.2021

sobreviver, precisamos de afeto, de amor, a atenção, dedicação, para assim possuir o sentimento de pertencimento e continuidade”.

Aristóteles 384 a. c, (*apud* REIS, 2009, p. 1) nos coloca que “o homem é reconhecido como um animal, pois qualquer um que não consegue lidar com a vida em comum ou é totalmente autossuficiente que não necessite e não toma parte da sociedade, é um bicho ou um Deus”. Assim, verificamos que não é possível viver sem estar em contato com o outro, seja direta ou indiretamente, temos a necessidade de nos conectar com outras pessoas, pois “o homem como ser social está envolvido de alguma forma evidente de relacionamento com o outro” (REIS, 2009, p.1).

Então, podemos dizer que, o ser humano faz parte de um contexto universal, pois ele nunca está sozinho no mundo e no universo, socializando assim, suas experiências e subjetividades com o outro. Ou seja, precisamos viver em sociedade para suprir nossas necessidades, nossos sonhos, ou seja, sempre estamos realizando alguma coisa ou tomando alguma atitude em função de um objetivo, seja ele pessoal ou coletivo.

Diante de tal constatação, buscando compreender essas relações dos indivíduos com os outros na sociedade, o campo das relações humanas pode ser descrito como a arte da interação. Arte essa, que ocorre quando duas ou mais pessoas encontram-se podendo resultar em um convívio harmonioso ou com atritos. Porém, não há dúvidas que esse conjunto de interações permite que os indivíduos convivam de forma cordial buscando ter respeito pelos direitos individuais. Neste sentido, Agostinho Minicucci (2011) define relações humanas como o conjunto de interações que mantém os indivíduos em um determinado grupo social, que tem por objetivo, melhorar o convívio entre elas, proporcionando um relacionamento harmonioso entre os seres humanos. Assim, é preciso ter a consciência de que todos têm importância neste processo, manter o respeito é uma alternativa que favorece bons relacionamentos, sendo esse o grande desafio de todos, mediar conflitos e apontar caminhos para que o trabalho coletivo aconteça.

Dessa forma, a teoria das relações humanas trabalha as questões dos aspectos emocionais do homem em suas relações com o trabalho. Nesse aspecto, determina que se o ser humano consegue se sentir pertencente a um determinado local, ele conseguirá melhorar resultados em seus

relacionamentos humanos e sociais, ou seja, o homem necessita fazer parte de um determinado grupo para assim, se sentir útil e realizar seus objetivos. Mas, só esse fator não é suficiente, ele precisa também relacionar-se informalmente com as outras pessoas do seu entorno, desenvolvendo laços de interação social sem as formalidades normais dos ambientes em que está inserido, como os laços de amizade, de grupo, de equipe, entre outros. “As relações humanas são ações e atitudes desenvolvidas a partir dos contatos entre pessoas e grupos. Cada pessoa possui uma personalidade própria e diferenciada que influi no comportamento e atitude dos outros com quem mantém contato”, Figueiredo (2012, p.4).

Assim, a teoria das relações humanas trata do comportamento, ações e atitudes humanas, com aspectos de âmbito emocional do homem e seus diversos processos de interação social, sendo estudada como, a ciência do comportamento humano, em seu relacionamento intra e interpessoal. É importante ressaltar que a questão das relações humanas e, de sua inerente dimensão emocional, é crucial para a vida. As condições em que ocorrem tais relações, definem a forma de convivência entre os seres humanos, que são seres de relações. A relação entre os seres humanos e a natureza, faz a diferença entre sofrimento e bem-estar, pois define como a vida social é constituída em seu cotidiano, de modo que fragilidade das relações humanas resulta no enfraquecimento das relações sociais. E nesse sentido, devemos compreender ainda que “as pessoas que têm mais habilidades em compreender os outros, tem traquejo interpessoal, são mais eficazes nos relacionamentos humanos”. (Minicucci, 2011, p. 31). Isso significa que devemos tentar compreender melhor as pessoas que estão se relacionando conosco, para assim, podermos desenvolver um bom relacionamento com elas. Com isso, podemos manifestar outros sentimentos que estão diretamente relacionados com a compreensão do outro, o sentimento da empatia. Minicucci, (2011, p. 32) complementa expondo que:

Empatia na prática significa que você deve conduzir se apropriadamente numa situação dada com determinada pessoa. Veja casos que seguem.

- Se Maria criança de 5 anos me agride:
- Se Paulo adolescente de 13 anos me agride:
- Se meu pai idoso me agride:

-Se minha namorada a quem amo me agrade... não posso ter uma reação uniforme em todos os casos. Se assim agir, não terei uma flexibilidade de comportamento, falta-me empatia (compreender o comportamento de cada um com as suas peculiaridades).

Dessa forma, percebe-se a estreita relação da empatia com as relações humanas, de modo que, ambas necessitam de melhor reflexão sobre atitudes e comportamentos, mediante situações recorrentes dos relacionamentos sociais. Diante dessa discussão, ponderamos que o campo das relações humanas é de suma importância no mundo do trabalho, e se faz necessário em todas as organizações, dos mais variados campos.

Entretanto, é propício tal discussão no campo da educação, mais especificamente, no contexto escolar, uma vez que nesse espaço há grandes e diferentes segmentos de atuação com variados atores. É o lugar onde convivem, dividem espaços, responsabilidades, e nele surgem possibilidades de aprendizagem, formação de opiniões e mudanças de atitudes. Porém, conviver com um outro, ouvir, respeitar, opinar não é tarefa fácil, se faz necessário nessa convivência que se tenha a mediação, a empatia, a compreensão, a superação, o que valida e reforça a importância de se refletir o cotidiano dessas relações.

#### **4 A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES HUMANAS E O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA ESCOLA.**

A partir das reflexões de Almeida (2012) buscamos compreender os aspectos essenciais da identidade e da formação profissional do coordenador pedagógico diante da estrutura organizacional escolar, de sua representação frente ao grupo docente, da articulação com a família dos estudantes e de sua função nos diversos contextos educacionais.

A compreensão de coordenação pedagógica frente aos diferentes aspectos varia de acordo com os sistemas de ensino, com as concepções pedagógicas e representações sociais já delimitadas pela sociedade, o que tem se tornado uma condição importante no contexto formativo e organizacional da escola, sendo objeto de interesse na busca por melhorias na formação de professores e na articulação dos diferentes contextos educacionais.

É importante ressaltar que o coordenador pedagógico é uma das figuras mais importantes dentro de uma escola, por ser o responsável por coordenar a construção de uma educação de qualidade. Vieira (2010) salienta que o papel do coordenador pedagógico é, principalmente, garantir que o aluno aprenda, supervisionando a prática pedagógica e a organização do currículo escolar, entre inúmeras outras funções, sendo uma função repleta de desafios, que exige dedicação, comprometimento, além de ser agente mediador nas relações existentes no cotidiano escolar. De acordo com Almeida (2012), a caracterização da rotina dos coordenadores pedagógicos tende a ser permeada por múltiplas relações sociais que se expressam nos diversos espaços de atuação da coordenação pedagógica.

Eminentemente com os elementos da equipe escolar que incluem direção, professores inspetores, pessoal da Secretaria, com os alunos com os pais com os outros coordenadores com outras técnicos e órgãos centrais de Secretaria de educação. Relações que se efetivam dentro da sala de aula, nos corredores, na sala de professores, coordenação, encontros de coordenadores fora da escola. (ALMEIDA, p. 38, 2012).

Esta constatação permite uma reflexão sobre o papel do coordenador pedagógico como mediador das relações presentes na escola e fora dela, sendo um agente constituído e constituidor de troca de saberes, experiências, contextos de aprendizagem e espaços de interação. Para Placo e Souza (2008, p. 27) “o coordenador pedagógico como agente formativo, é responsável pela articulação dos diversos diálogos presentes na escola, constituindo um bom trabalho de coordenação pedagógica”, ou seja, ele deve ser o responsável pelas ações possíveis de parceria, de articulação, de informação, de afeto, de ajuda e orientação, tendo em vista um claro compromisso político com a formação para a cidadania, de aluno e professores.

Dessa forma, apresenta a relevância de um olhar minucioso sobre as necessidades e potencialidades de cada integrante no contexto escolar. O campo de atuação do coordenador pedagógico demanda um trabalho em conjunto de escuta, diálogo, compartilhamento de experiências e olhares vivenciando os mais diversos espaços de interação. Tal relação se estabelece para além dos muros da escola, já que as vivências ultrapassam os espaços físicos e interagem nas múltiplas organizações de aprendizagem do

coordenador pedagógico. Ainda na condição de ouvinte, o coordenador pedagógico denota atenção para formação do outro, pois promove uma relação estabelecida através da escuta, que engloba as possibilidades de interação com o grupo. Para Vieira (2010), tal ação se faz presente nos processos de formação de professores, possibilitando aos coordenadores e professores o autoconhecimento através da fala, da escuta e da convivência. A interação ainda se faz presente nas contribuições apresentadas por Libâneo (2006), que identifica as atribuições dos coordenadores pedagógicos numa condição que valoriza a organização, desde diversos aspectos da vida escolar como práticas, teórico pedagógicas, mas que na essência, são construídas por relações afetivas, numa integração contínua entre aqueles que constituem o grupo.

O coordenador pedagógico é um profissional indispensável para assegurar nas escolas a integração e articulação do trabalho pedagógico didático, a organização curricular, a orientação metodológica a assistência pedagógica didática dos professores na sala de aula, numa relação interativa e compartilhada com os educadores e alunos, colaboração nas práticas e reflexões é investigação diagnóstica e ainda atendimento às necessidades ligadas ao ensino e aprendizagem dos alunos. (LIBÂNEO, 2006, p.74)

Entretanto, para além das atribuições do cargo ou função, o coordenador pedagógico é um sujeito proveniente de uma determinada cultura, inserida num contexto pessoal específico e portada de uma história e de experiências pessoais. Sendo assim, a constituição dos saberes didático pedagógicos e saberes sociais, determinam o percurso das ações de sua atuação. Almeida (2010) ressalta a importância das relações humanas e interpessoais como um recurso do coordenador pedagógico para o estabelecimento de objetivos e metas dos grupos de trabalho presentes na organização escolar.

Portanto, a constituição da pessoa é permeada por uma série de relações interpessoais que são aspectos condicionantes para os sujeitos pertencentes ao contexto escolar. Entretanto, sendo o coordenador um mediador frente às relações existentes na escola, sua tarefa também é apontar caminhos para que os profissionais, em especial os professores que compõem o grupo, deverão seguir, para que o trabalho coletivo aconteça em prol dos objetivos em comum.

É necessário que sua atuação esteja voltada para ações que proporcionem um ambiente de trabalho com clima agradável, favorecendo a resolução de conflitos, melhorando assim, as relações humanas, no seu convívio, tornando o espaço da escola um local privilegiado para a construção e o fortalecimento de identidades, ou seja, um verdadeiro espaço de relações positivas onde se viva de fato a diversidade.

## **5 A EMPATIA NA RELAÇÃO COORDENADOR PEDAGÓGICO E PROFESSOR.**

Investigar como se dão os diálogos entre professores e coordenadores pedagógicos nas escolas, parte da premissa de que a comunicação é algo imprescindível na sociedade atual, sendo um processo social relevante para o funcionamento dos grupos. E, este se faz necessário, não apenas como forma de comunicação, mas principalmente, para a manutenção de relações saudáveis e crescimento pessoal. O diálogo é uma arte que se desenvolve na convivência, pois ele estimula a reflexão, a necessidade de orientar e confrontar ideias e de se posicionar diante das situações difíceis. Dessa forma, podemos perceber que historicamente está atrelado a empatia já motivava o tratamento entre o terapeuta e o seu cliente como afirma Moreira 2010,

Esse ver, falar e ouvir estão para além do aparente atravessam o que o outro diz ou expressa não verbalmente, por meio do olhar, da postura, dos movimentos, tornando possível que juntos terapeuta e paciente simultaneamente percebam que o invisível está dentro do visível. (Moreira, 2010, p. 262).

Nesta perspectiva, Cohen (1978, p.106) diz que a comunicação é uma característica de vida humana em qualquer nível e “através da comunicação e do diálogo que se orienta o adequado desenvolvimento dos seus, num processo de socialização em qualquer grupo social”. Assim, o diálogo é extremamente necessário nos relacionamentos pessoais e principalmente, na vida profissional de professores e coordenação pedagógica. De acordo com Rogers, (1977), um dos principais fatores para que haja as boas relações é a empatia, concomitante a ela, a existência dos valores éticos e morais, pois para compreender o outro é necessário estar no outro, dessa forma é preciso pôr de

lado os seus valores e visões pessoais de modo que se possa entrar no mundo do outro despido de preconceitos.

Todavia, isso só é possível através de uma relação aberta onde os sentimentos e atitudes sejam levados em consideração, não havendo imposições. A ética no trabalho é o conjunto de valores, normas e atitudes que conduzem o comportamento dos profissionais dentro de uma empresa. É por meio dela que um profissional apresenta comportamentos adequados ao ambiente de trabalho, sendo guiado por princípios que impactam diretamente a convivência em grupo. Portanto, no ambiente de trabalho se faz necessário a existência da ética como o conjunto de normas que formam a consciência do profissional e representam imperativos de sua conduta. A ética é de origem grega (*ethos*), que significa propriedade de caráter. De acordo com Migliore (2003, p. 35) “a ética está relacionada ao caráter uma conduta genuinamente humana que vem de dentro para fora de cada indivíduo”. Assim, é evidente que as relações humanas, a ética e a empatia possam contribuir para criar uma atmosfera saudável, pois acarretam respeito ao outro, aumentando a capacidade de interação e, conseqüentemente, melhora o clima com todos os agentes da escola. Para tanto, ao coordenador cabe estabelecer através da escuta as possibilidades de interação com os seus professores. Para Vieira (2010), tal ação se faz presente nos processos de formação continuada, no acompanhamento das atividades, no diálogo constante possibilitando uma relação através do autoconhecimento e escuta. Assim, faz-se necessário desenvolver a prática da empatia, promovendo mudanças que estreitam os laços e os relacionamentos e os aproximem cada vez mais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Vimos que desde os primórdios da humanidade, os seres humanos estabelecem relações interpessoais com outros indivíduos de sua espécie. A princípio estas relações garantiam a sua sobrevivência, pois lhes proporcionavam a troca de experiências e descobertas que permitiam driblar as intempéries da vida primitiva.

Atualmente, compreendemos que as relações humanas saudáveis estabelecidas no seio de nossa sociedade nos garantem a convivência harmoniosa com os demais indivíduos, podemos dizer que somos seres sociais

e que as relações que estabelecemos com os outros, seja no nosso trabalho, na família ou nas nossas amizades não garantem a nossa sobrevivência como anteriormente, mas por meio delas, nos construímos como indivíduos, capazes de evoluir a partir de nossas experiências sociais. Ou seja, ela nos garante o aprendizado, o crescimento pessoal, como também, nos permite descobrir novas formas de nos relacionarmos, uma vez que o cotidiano das interações sociais proporciona o aprimoramento das capacidades de comunicação, seja na fala, na escuta, nas expressões físicas, ou no desenvolvimento de valores éticos e morais, no reforço de sentimentos como a solidariedade, a fraternidade, humildade, empatia entre tantos outros. E sabendo que os coordenadores pedagógicos são agentes do fazer pedagógico, sentimos a necessidade de frisar a sua importância na construção de laços afetivos entre os profissionais no contexto escolar. Laços esses, que geram sentimento de solidariedade, respeito e confiança entre o corpo docente e a gestão, favorecendo o desenvolvimento da empatia entre ambos.

Partindo das análises realizadas sobre o conceito de empatia em Carl Rogers, sobre as relações humanas, compreendemos que a empatia é muito mais que um sentimento que desenvolvemos por quem é próximo a nós, ela é uma atitude que para desenvolvê-la é preciso que estejamos dispostos a nos colocarmos no lugar do outro, a fim de compreender os seus sentimentos e a sua situação aceitando-o como ele é, para que o próximo passo seja a superação das diferenças existentes entre ambos, sendo esse acolhimento indispensável para o crescimento pessoal.

Nesta perspectiva, concluímos que a relação de empatia nas relações humanas dentro do ambiente de trabalho do coordenador pedagógico e professores, precisa se fazer presente continuamente nessa relação, principalmente, nas tomadas de decisões com relação ao andamento do trabalho pedagógico e, os professores precisam ter a oportunidade de falar sobre a sua visão de trabalho, assim como precisam sentir que são ouvidos por parte da coordenação que deve aprimorar a sua escuta para ser mais sensível aos relatos das experiências dos educadores.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA L. R, & Org. **Coordenador Pedagógico e Questões da Contemporaneidade**. 6 ed. Loyola. São Paulo, 2012.

ALMEIDA, L. R; PLACCO, V. M. S. (2001). **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. São Paulo; Loyola, 8ªed. 2010, p. 67-69.

BATISTA, E. **O homem na sociedade e a sociedade no homem**. (2008). Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos1348409>>. Acesso: 23 de mai. 2021.

FIGUEIREDO, M. **Teoria das relações humanas**. São Paulo: 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de pedagogia**. In; PIMENTA, S.G. (2002). *Pedagogia e pedagogos; caminhos e perspectivas*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.59-97

MIGLIORI, R. de Fátima, (et al). **Ética, valores humanos e transformação**. 2.ed. São Paulo: Petrópolis, 2003.

MINICUCCI, Agostinho. **Relações Humanas: Psicologia das Relações Interpessoais**, 6 Edição, São Paulo, Atlas 2001.

MOREIRA, V. **Revisando as abordagens centrada nas pessoas**. In: revista estudos em psicologia. São Paulo: PUC – Campinas, 2010.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **O coordenador pedagógico no confronto com o cotidiano da escola**. In.: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola*. São Paulo: Loyola, 2008. cap. 3, p. 47 – 60.

REIS, R. P. **Revista Mundo Jovem**, Nº 373 fev. 2009.

ROGERS, C R, Kinget, G (1977). **Psicoterapia e Relações Humanas** (vol.1). (M. L.Bizotto. Trad). Belo Horizonte, (original publicado em 1965).

VIEIRA, M. M. S. **Mudanças e sentimentos: coordenador pedagógico e professor**. São Paulo: Universidade Católica, 2010.